

INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS ALUNOS

Edna Mariana Machado Silva*

Resumo: *Um dos grandes temas educacionais debatidos atualmente se refere à relação família-escola, aliança indispensável para o bom rendimento acadêmico do aluno. A presença efetiva dos pais na vida de seus filhos é um dos fatores determinantes do sucesso escolar, segundo a literatura consultada. Uma variável que também interfere no rendimento escolar da criança e que está intimamente ligada à questão da família, é a televisão. Mostramos aqui a grande responsabilidade dos pais na educação formal e informal de seus filhos, se pretendem formar indivíduos plenamente desenvolvidos.*

Abstract: *Nowadays, one of the greatest educational themes discussed refers to the family-school relationship, an essential alliance to student's academic efficiency. Parents' real presence in their children's life is one of the determinative agents of school success, according to the considered literature. Another aspect that also interferes in child's efficiency at school, and is closely connect to the family issue, is television. Here we show parents' great responsibility in their children's formal and informal education, if they intend to bring up people completely grown.*

Atualmente, observa-se que alguns autores preocupados com o insucesso escolar têm pesquisado a relação entre o rendimento acadêmico do aluno e a presença dos pais na vida dos filhos, ressaltando a importância deste fator como um indicador positivo para o sucesso do aluno.

Segundo BUSTOS (1990 p.11), "Un de los factores que he observado en forma más recurrente y que parece explicar bastante bien el problema del rendimiento académico está relacionado con la presencia efectiva de los padres en la vida diaria de sus hijos".

"O fator mais importante para compreender os determinantes do rendimento escolar é a família do aluno, sendo que, quanto mais elevado o nível de escolaridade da mãe,

mais tempo a criança permanece na escola e maior é o seu rendimento". Essa é a conclusão de uma das pesquisas dos programas do ECIEL (Estudos Conjuntos de Integração Econômica da América Latina), apontada por BRANDÃO, BAETA e ROCHA (1993 - p.45).

Os estudos de Paulina Kernberg, Benjamin Bloom, Lícia Santelices y Jacinta Scaglotti e de vários outros citados por BUSTOS (1990) mostram a relação entre a participação dos pais, o ambiente familiar e o rendimento dos alunos. Todos evidenciam o valor da boa interação pais e filhos não só para o bom rendimento acadêmico como também para outras dimensões que envolvem a adaptação escolar.

STEVENSON (1992) comparou alunos,

* Professora do Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica / UFU.

pais e professores de 204 classes abrangendo 02 escolas em Beijing, 10 em Taipei, 10 em Sendai (ASIA) e 20 em Chicago (EUA), com a finalidade de estudar as motivações às realizações acadêmicas e o envolvimento de pais e professores no ensino fundamental. Nesse estudo concluiu-se que: os pais dos alunos americanos mostram um alto nível de satisfação com a realização acadêmica de seus filhos, no entanto apresentam grande imprecisão sobre o que a escola deve ensinar aos seus filhos; os pais e as mães das crianças da Ásia têm menor satisfação, porém apresentam idéias mais claras sobre os resultados de seus filhos.

“As mães asiáticas relataram-nos repetidamente que a principal tarefa de seus filhos é ir bem na escola. A tarefa das mães seria então tentar tornar possível assegurar o sucesso. Elas olham a educação como aspecto crucial para o futuro de seus filhos. Assim as mães asiáticas acham mais difícil ficar satisfeitas com níveis moderados de realização” (p.34).

De modo semelhante, os alunos asiáticos são mais críticos em relação à escola que seus colegas americanos. Um outro tipo de conclusão se refere ao fato de que as crianças de Chicago tendem a ser motivadas mais com o dinheiro ou objetos materiais, enquanto que as crianças de Beijing se dirigem aos objetos educacionais. Uma terceira conclusão se refere aos professores. Os professores asiáticos dispensam maior tempo aos seus alunos e são mais claros em relação às técnicas de ensino, enquanto os professores americanos enfatizam mais a sensibilidade às necessidades individuais.

Um outro trabalho bastante interessante foi realizado por SCHIEFELBEIN e SIMMONS (1980), analisando os resultados de 26 estudos sobre os determinantes do

desempenho cognitivo do estudante em mais de 20 países em desenvolvimento. Os determinantes foram agrupados em 3 categorias: recursos e processos escolares, atributos do professor e características do aluno. Dentro das características dos recursos e processos escolares, o que mais se destacou foi o fator “tarefa de casa”, como veremos na seguinte citação:

“Os estudantes que têm trabalhos escolares a serem realizados fora da escola, ou seja, ‘tarefas de casa’, apresentaram tendência a apresentar melhores resultados nos testes de desempenho, em 6 dos 8 estudos. Nenhum dos outros determinantes de realização escolar alcançou tão alta proporção de resultados significativos. Trata-se de importante variável da política educacional porque praticamente não implica em custos financeiros e parece originar um retorno elevado” (p.54).

Para os autores, essa atividade pode “ser indicador do tempo de estudo do aluno” (p. 60). Porém, eles advertem para as condições favoráveis à realização da mesma, como livros, luz e tranqüilidade. Se assim não for, “os deveres de casa poderão não ser eficientes” (p. 60). Esse é, ao nosso ver, um dos aspectos que justificam a importância da presença dos pais na vida escolar do aluno, garantindo as condições necessárias para um bom desempenho das atividades escolares, especialmente em casa, onde eles podem ter maior controle. Quanto à categoria atributos do professor, destacaram-se a diplomação, a experiência e a instrução do professor. No que se refere às características do aluno, o preditor mais significativo foi o nível sócio-econômico:

“As crianças cujas famílias possuem renda mais elevada podem apresentar a tendência para dominar as habilidades linguísticas e outros comportamentos recompensados pelas escolas. Além disso, têm acesso a livros, pais

alfabetizados, brinquedos e outras condições favoráveis em casa. O treinamento dos pais das crianças pobres poderia acentuar algumas dessas vantagens. Assim, na elaboração de novas políticas educacionais, dever-se-ia levar em consideração os possíveis efeitos do ambiente familiar” (p.55).

A repetência, a sub-nutrição, a saúde e a educação pré-escolar foram variáveis também significativas. A questão da família, caracterizada principalmente pela profissão, renda e instrução dos pais, aparecem, em muitas dessas pesquisas, como o determinante mais importante dos resultados escolares.

Importante contribuição nos fornece a pesquisa realizada por SIEGEL (1990) com 2.177 alunos da 3ª série do 2º grau, identificando e avaliando experiências educacionais, desde a pré-escola, que foram importantes no processo de alfabetização, contribuindo assim para o desenvolvimento do processo de leitura até a idade adulta. As descobertas desse estudo enfatizam a responsabilidade de pais, educadores e dos próprios alunos em oferecer, participar e apoiar os tipos de experiências educacionais que resultem em altos níveis de realização no campo da leitura e políticas educacionais que visem oferecer programas educacionais de pré-escola para todas as crianças, mais especificamente para aquelas classificadas no grupo de risco, ou seja, aquelas que provavelmente não teriam um bom aproveitamento escolar. O modelo apresentado por SIEGEL, intitulado “literacy press model”, permite aos educadores e pais julgar, avaliar e melhorar a qualidade da realização de leitura dos alunos através da concentração de atenção nas atividades educacionais que estão sob seu controle e influência direta. Ressalta sobretudo a importância da participação dos pais na vida

escolar da criança e do jovem, alertando-nos inclusive para quanto as expectativas dos pais em relação às realizações educacionais dos alunos são importantes para sua capacidade de leitura, até mesmo na fase adulta.

Refletindo sobre a questão do rendimento escolar, SOUZA e outros (1989) discutiram algumas afirmações que costumam circular entre os educadores nas escolas públicas no que se refere às causas das dificuldades de aprendizagem dos alunos da classe popular. Uma delas é a de que “os pais são desinteressados e por isso a criança não vai bem na escola” (p.197). Segundo os autores, professores e direção compreendiam o ‘desinteresse’ como: “a falta dos pais nas reuniões e às convocações para comparecerem à escola, ao não cumprimento de encaminhamentos da criança para médicos, tratamentos etc; as dificuldades de obtenção de informações; a não ajuda dos pais nas tarefas escolares” (p.197). Notaram que “as reuniões de pais, são, em geral, pouco freqüentadas e o número reduzido de pais que comparece limita-se, na maioria das vezes, a ouvir o professor” (p.197). Mesmo com os espaços institucionalizados de participação para os pais, como a Associação de Pais e Mestres e o Conselho de Escola ou até mesmo as festas comemorativas, “na prática ocorre grande dificuldade de real comunicação entre os pais e a escola” (p.197-198). Diante de várias discussões e constatações concluem que a questão do rendimento escolar envolve fatores intra e extra-escolares.

Uma variável importante no acompanhamento de estudo e que pode interferir no processo de educação formal e informal da criança foi pesquisada por ALMEIDA & SILVA (1981). Eles trabalharam

com 145 famílias de diversas classes sociais de Ribeirão Preto, para verificar a preferência e os hábitos de crianças de 7 a 12 anos em relação ao uso da televisão.

Esse estudo revelou que as crianças dedicam mais de quatro horas diárias à TV, assistindo principalmente desenho, filmes de aventuras, policiais e novelas. E embora os pais reclamem sobre a qualidade dos programas e o efeito deseducador que podem exercer, permitem que seus filhos assistam a qualquer tipo de programa, em qualquer horário e pelo tempo que querem, não havendo, pois, nenhum controle sobre a relação criança-TV e nenhuma programação de atividades na rotina das crianças que contrabalance o tempo dedicado à TV. "Programas do tipo educativo, como aulas, entrevistas, teatro infantil, documentário, musical são tão pouco preferidos como assistidos" (p. 118).

Outro estudo interessante sobre a TV é encontrado em BASTOS (1988), que procura analisar o papel que a televisão representa junto às crianças. Assim, embora as crianças passem muito tempo diante da TV, uma grande parte delas (40% dos meninos e 43% das meninas) manifestam-se insatisfeitas com os programas e os horários. Outra constatação é que crianças de nível sócio-econômico mais alto assistem menos TV, devido a terem disponíveis mais formas de lazer. Com relação à eficiência escolar, a autora diz que esta só é afetada pelo excesso de tempo da criança diante da TV porque isto pode provocar nela cansaço físico e mental, portanto "deve ser desestimulado o hábito de se prostrar diante da televisão, para evitar prejuízos importantes na saúde física e mental do ser em crescimento" (p. 54). Segundo BASTOS, as crianças têm uma certa autonomia com relação ao que desejam assistir. Na sua

opinião tanto é importante que pais os questionem sobre a qualidade dos programas emitidos nos horários de acesso à criança quanto que procurem reduzir o tempo que seus filhos assistem TV. Para ela, "não só afeta as crianças assistir a filmes de grande tensão, violência e mesmo de carga erótica para a qual ainda não têm maturidade necessária para compreendê-la, como também uma longa audiência diante do vídeo, mesmo que só vejam programas adequados à sua faixa etária" (p. 56). Ela deixa claro que se deve controlar os programas assistidos pelas crianças e o tempo que dedicam à televisão. E ainda sugere um trabalho educativo por parte de pais e professores desenvolvendo junto às crianças um processo de reflexão, análise e críticas sobre vários aspectos da televisão.

SOUZA (1990), trabalhando a questão da televisão e a criança, aborda principalmente a influência da linguagem da TV na educação das que assistem assiduamente. Esse estudo menciona críticas feitas à linguagem falada na televisão, tendo-a como deficiente e de vocabulário pobre, fazendo com que as crianças de hoje apresentem dificuldade na expressão oral, o que a autora refuta mostrando que: 1) essas críticas são relativas, uma vez que "há um certo zelo, por parte das emissoras, com a gramática e o vocabulário, pois, apesar de ser um instrumento de comunicação visual, a TV é calcada em textos escritos que são redigidos com cuidado" (p. 168); 2) o grande problema está na diferença entre a linguagem da televisão e a do cotidiano da criança, diferença essa justificada pela necessidade de se usar "uma linguagem impessoal e intelectualizada que comunique a muitos e diferentes grupos" (p. 168); 3) A população infantil de hoje lê pouco. Prefere ver televisão a ler um livro, apesar da grande riqueza que o

prazer da leitura oferece. O fato é que a leitura é pouco estimulada, inclusive “pelos próprios pais, sem tempo ou condições para desfrutá-la com as crianças” (p. 169). Apesar de se posicionar favorável à televisão, a autora coloca a questão dos limites, como o longo tempo que a criança passa diante da TV sem ter a oportunidade de verbalizar suas impressões. A solução apontada nesse estudo seria uma melhor integração escola-família-televisão para que se criem oportunidades de melhor aproveitamento dos recursos que a TV pode oferecer. Que a TV e a escola sejam complementares e não concorrentes.

Analisando a suposta degradação da linguagem que, segundo algumas críticas vem ocorrendo em nossa sociedade e a influência que a televisão exerce sobre isso, DELVAL (1993) concorda que a televisão exerce influências, porém, na sua opinião, o problema é que a televisão se dirige mais aos aspectos figurativos do conhecimento do que aos operativos, que são os principais para o desenvolvimento do pensamento. “La falta de rigor en la expresión de algunas personas es tan sólo una manifestación de la falta de precisión de su pensamiento” (p. 79). Ele não nega à televisão a sua importância e essa questão não será resolvida pela oposição da escola à televisão, pois isso só serviria para aumentar o desajuste existente entre a escola e o mundo exterior, o que é uma das causas do fracasso dessa instituição. A questão é que a análise das mensagens se integre à educação e que a escola analise a televisão e os meios de comunicação. Não é o fato de se prestar mais atenção à linguagem que vai melhorar as coisas na escola. O que precisa ser melhorado é a capacidade de pensar e expressar o pensamento. “Una misma materia puede enseñarse de distintas maneras, y casi

cualquier conocimiento puede ser un campo de entrenamiento igualmente bueno en el oficio de pensar”(p. 81).

É oportuno mencionar a pesquisa realizada por SILVA (1993) com 44 professores de 12 escolas da rede estadual de ensino de Uberlândia com o objetivo de verificar se a escola considera a experiência de vida do aluno no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que esse fator poderia ser uma das causas do fracasso escolar. Nesse estudo concluiu-se que a escola não considera a experiência do aluno, adquirida antes e durante o processo de alfabetização, “tratando-o como um ser passivo, receptivo e não como um sujeito cognoscente, ativo, construtor do seu conhecimento” (p. 55).

O não acompanhamento dos pais à vida escolar de seus filhos foi um achado relevante na pesquisa acima mencionada, apontado como um fator determinante do fracasso escolar, pois sintomático e

“expressivo é o fato de que 57% dos professores colocaram nos pais a causa da repetência do aluno, alegando que eles não acompanham a vida escolar do filho... Também a causa da evasão e das dificuldades de aprendizagem em geral, para muitos professores, em torno de 45%, está nos pais e nos alunos” (p.54).

Isso serviu como um estímulo a mais à nossa vontade de investigação científica sobre o acompanhamento de estudo por parte dos pais como um elemento de influência no rendimento do aluno.

Percebe-se que atualmente muitos profissionais da educação têm voltado seus interesses e estudos para a família, reconhecendo nela um componente imprescindível para uma educação que

pretenda, sob o caráter democrático, a melhoria de sua qualidade, propiciando o desenvolvimento completo do ser.

PIAGET (1994) ressalta a importância da família na educação das crianças nos reportando à alínea 3 do Artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: 'os pais têm, por prioridade, o direito de escolher o gênero de educação a dar a seus filhos' (p.48). Comentando sobre isso e enfatizando a família como "uma mola essencial da vida social", o autor lembra a alínea 1 do referido artigo dizendo que "se 'toda pessoa tem direito à educação', é evidente que os pais também possuem, e igualmente 'por prioridade', o direito de serem senão educados, ao menos informados e mesmo formados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos" (p. 50).

Essa inerente e importante inserção da família na educação e esse direito que os pais têm, enquanto pessoas, nos permite, como educadores, o direito de convocar a família, de contar com sua participação e nos impele ao dever de colocá-la a par dos problemas escolares e pedagógicos que envolvem o desenvolvimento de seus filhos, orientando-a quando necessário. Para isso, a escola precisa criar oportunidades de entrelaçamento com a família, pois as duas têm objetivos comuns. A cooperação, a troca, o trabalho conjunto garante um maior êxito na concretização de seus objetivos.

Essa prática tem-se mostrado positiva ao longo do processo educacional, como podemos confirmar pelas palavras de Piaget ao se referir aos movimentos da educação nova no que diz respeito à relação família-escola:

"em todos os meios onde a nova educação vai adquirindo uma certa importância, foram desencadeados movimentos de colaboração entre a escola e a família, os quais se revelaram extremamente produtivos, e aproveitáveis, para as duas partes em questão. A escola na realidade tem tudo a ganhar ao tomar conhecimento das reações dos pais, e estes experimentam um proveito cada vez maior ao serem iniciados, por sua vez, nos problemas da escola" (PIAGET, 1994, p. 50).

Assim, escola e família podem e devem buscar juntas possibilidades de uma educação realmente voltada para o desenvolvimento integral da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Antônio Ribeiro de & SILVA, José Aparecido da. "Televisão, pais e filhos: um estudo de preferências e hábitos diários". *Arquivo brasileiro de Psicologia*. Rio de Janeiro, 33(4): 113-122. out./dez., 1981.
- BASTOS, Laura. *A criança diante da Tv - um desafio para os pais*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- BRANDÃO, Z. A., BAETA, A. M. B. & ROCHA, A. D. C. "O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil" (1971-1981). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, 64 (147): 38-69, maio/ago. 1983.
- BUSTOS, Angel E. B. "La presencia de los padres y el éxito académico de los hijos". *Revista de Orientación Educativa*, Universidad de Panya Ancha de Ciencias de Educación, n. 6 y 7: 11-15, 1990.

- DELVAL, Juan. *Los fines de la educación*. 2 ed. Madrid: Siglo Vientiuno de España Editores S.A, 1993.
- FLAVEL, John H. *A Psicologia do Desenvolvimento de Jean Piaget*. Trad. Maria Helena Souza, São Paulo: Pioneira, 1975.
- LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Trad. Ivete Braga. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- SCHIEFELBEIN, Erneto & SIMMONS, John. "Os determinantes do desempenho escolar: uma revisão de pesquisas nos países em desenvolvimento". *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: (35), 53-71, nov. 1980.
- SHINYASHIKI, Roberto. *A carícia essencial: uma psicologia do afeto*. São Paulo: Gente, 1985.
- _____. *Pais e filhos, companheiros de viagem*. São Paulo: Gente, 1992.
- SIEGEL, Donna Farrel. "The literacy press: a process model for reading development". *The Journal of Educational Research*. Vol.83(6): 336-347, july/august 1990.
- SILVA, Edna Mariana Machado. "O contexto de vida dos alunos nas classes de alfabetização". *Ensino em Re-vista*, Uberlândia, 2(1): 49-56, jan./dez.1993 EDUFU.
- SOUZA, Ana Maria Costa de A. "A televisão e a criança: sim ou não". *Educação e Filosofia*. Uberlândia, 4(8): 167-171. jan./jul.1990. EDUFU.
- SOUZA, Mariline Proença R.de et alii- "A questão do rendimento escolar: subsídios para uma nova reflexão". *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, 15(2): 188-201, jul./dez., 1989.
- STEVENSON, Harold W. "Learning from Schools". *Scientific American*. December, 1992. p. 32-38.
- ZAGURY, Tânia. *Sem padecer no paraíso: em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- ZAZZO, René. *Onde esta a psicologia da criança?* Trad. Nícia Adan Bonatti, Campinas: Papyrus, 1989.